

## Clarice Lispector e o Mistério Santo

14/12/2020

Maria Clara Bingemer

Teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Clarice Lispector, essa misteriosa e incomparável escritora que hoje é lida e estudada no mundo inteiro, teria comemorado ontem, 10 de dezembro, cem anos. Ucraniana e judia, aportou no nordeste do Brasil e aqui ficou. Graças a Deus e felizes de nós que hoje contamos com sua obra como uma das maiores riquezas nacionais. Mulher bela e refinada, Clarice começou a escrever por pura inspiração, sem querer nem planejar, e hoje é referência para toda e qualquer escrita que se queira humana.

Muito foi escrito sobre essa grande escritora e artista da palavra. A linguística e a literatura a estudaram em todas as línguas e todos os ângulos. A filosofia debruçou-se sobre sua obra. Ultimamente a teologia também tem se ocupado da obra de Clarice. Por quê? Porque Clarice é apaixonada pelo mistério de Deus. E porque revela em suas obras uma intimidade com esse Mistério Santo, que deixa perplexos o teólogo e o crente, que por sua mão são levados a caminhos ainda não trilhados.

Como disseram recentemente suas amigas mais íntimas em declarações e entrevistas a propósito de seu centenário, Clarice é uma mística. Talvez ela mesma não aceitasse ou concordasse com essa qualificação. Porém é inevitável fazê-la ao ler sua escrita e constatar que ela é, sim, alguém que conhece a Deus por experiência. “Cognitio Dei experimentalis” (conhecimento de Deus por experiência) é a definição que dá sobre a mística Tomás de Aquino. Secundado por seu discípulo Jacques Maritain, que define a mística como “experiência frutiva do Absoluto”.

É impossível escrever o que Clarice escreveu sem “saber”, em uma sublime “docta ignorantia”, até onde a levaria esse Mistério sem fundo, no qual se lançava com suas palavras em uma atitude vertiginosa que provoca vertigem em todo aquele que a lê. Não seria possível ler a *Paixão segundo G. H.* sem ali ver o itinerário de despojamento que desemboca na comunhão, digno de uma Teresa de Ávila e um João da Cruz.

O itinerário da personagem *GH* é místico, porque mística é a autora que a cria, essa mulher burguesa e alienada, que começa um processo de descida ao quarto da empregada, onde na verdade encontra um minarete que a leva a olhar para o infinito. Ali se inicia um processo ascético e purificador, que prepara o alargamento do eu que se segue à morte do mesmo eu pelo mergulho na alteridade da matéria, do mundo, do outro. A personagem de Clarice toca os extremos da condição humana, ou seja, a vida e a morte.

Nesse processo que se assemelha a um parto, onde a mulher é literalmente expelida do seu pequeno e reduzido mundo para o mundo tal como ele é, existe permanentemente a “mão que me sustenta”. Ali *GH*, aliás Clarice, não depende mais de si mesma, mas de outro, daquela mão que a sustenta e toca a sua, daquela mão na qual confia e com a qual dialoga e à qual suplica: “Ah, não retires de mim a tua mão”. No entanto, a um certo ponto, a mulher larga a mão que a sustenta para continuar sozinha o percurso em direção ao Deus que a chama e que dela deseja algo que ela sente não poder dar.

Assim diz a personagem: “Eu estava em pleno seio de uma indiferença que é quieta e alerta...De um Deus que, se eu amava, não compreendia o que Ele queria de mim.” Mas no meio da provação, da busca e do pranto, sente que Deus vem a ela. “E no soluço veio a mim o Deus que me ocupava toda agora.” Nesta descida purificadora, nesta entrada no coração do nada, a personagem não estava diante do demônio, mas de Deus.

O diálogo entre Deus e aquela que o busca, aquela que é iniciada em seu conhecimento é feito de perguntas sobre o Ser: “O que És?” E a resposta é: És. O que existes? E a resposta é: “o que existes.”

No olhar da teóloga que sou é impossível não ver aí a judeidade de Clarice emergindo com força, é inimaginável não sentir uma proximidade perigosa e estonteante entre o que diz a personagem e o diálogo primordial de Moisés diante da sarça ardente, no capítulo 3 do livro do Êxodo.

Com os avanços da exegese, as traduções e interpretações dessa afirmação d’Aquele que falava de dentro da sarça e que se identificara como o “Deus de teus pais, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó” variam. “Eu sou aquele que sou”; “Eu sou aquele que serei” etc.

Clarice encontrou, através da palavra escrita, o rosto desse Totalmente Outro que buscou ao longo da vida. E que a ela se revelou em seu mistério jamais totalmente desvelado. Com Clarice Lispector em seu centenário somos convidados a aprender a fugir de qualquer tentação banalizante do divino e a inclinar-nos respeitosa e silenciosamente diante de seu Mistério Santo.